



UFRGS
70 anos

UFRGS
70 anos



UFRGS / CPL
BIBLIOTECA
DATA 11/11/04

Reitora - **Wrana Maria Panizzi**

Vice-Reitor - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor de Ensino - **José Carlos Ferraz Hennemann**

Pró-Reitor Adjunto de Graduação - **Norberto Hoppen**

Pró-Reitora Adjunta de Pós-Graduação - **Jocelia Grazia**

Pró-Reitor de Pesquisa - **Carlos Alexandre Netto**

Pró-Reitor de Extensão - **Fernando Setembrino Meirelles**

Pró-Reitora de Planejamento e Administração - **Maria Alice Lahorgue**

Pró-Reitor de Infra-Estrutura - **Helio Henkin**

Pró-Reitor de Recursos Humanos - **Dimitrios Samios**

Secretária de Assuntos Institucionais e Internacionais - **Sílvia Maria Rocha**

Secretária de Avaliação Institucional - **Ana Maria e Souza Braga**

Secretário de Educação a Distância - **Franz Rainer Alfons Semmelmann**

Secretária de Desenvolvimento Tecnológico - **Maria Alice Lahorgue**

Secretário do Patrimônio Histórico - **Christoph Bernasiuk**

Secretário de Assuntos Estudantis - **Angelo Ronaldo Pereira da Silva**

Coordenador de Educação Básica e Profissional - **Aldo Antonello Rosito**

Procurador Geral - **Armando Pitrez**

Chefe de Gabinete - **Carmen Regina de Oliveira**

Direitos reservados desta edição: **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Organização: **Carmen Regina de Oliveira e Flavia Boni Licht**

Capa, projeto gráfico, editoração eletrônica e seleção de imagens: **Rosâne Vieira**

Revisão: **Carmen Regina de Oliveira, Flavia Boni Licht e Maria da Glória Almeida**

Apoio: **Cláudia Kuele**

Earle Diniz Macarthy Moreira

gestão 1980-1984



A propósito de um “setentenário”

Nestes sete decênios decorridos desde aquele 28 de novembro de 1934, quando, oficialmente, se constituiu a então Universidade de Porto Alegre, com a incorporação das instituições de ensino superior já existentes – Escola de Engenharia, com seus Institutos de Astronomia, Eletrônica e Química Industrial; Faculdade Livre de Medicina e Farmácia, com as Escolas de Odontologia e Farmácia; Faculdade de Direito, com a Escola de Comércio; Escola de Agronomia e Veterinária, e outras a sair do papel, como uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras e um Instituto de Belas Artes – até os dias atuais, podemos ver o quanto evoluiu, em quantidade e qualidade, a nossa Universidade.

A década de 40-50 está marcada por duas grandes transformações, cujas repercussões se fazem sentir ainda hoje: forma-se a Uni-

versidade do Rio Grande do Sul (1947), incorporando as faculdades de Direito e Odontologia de Pelotas e a de Farmácia de Santa Maria, podendo-se dizer, sem ufanismo, que foi o berço de onde tomaram corpo as hoje viçosas UFPEL e UFSM. O que representou para as gerações futuras a sigla URGS está mais do que demonstrado por sua teimosia em permanecer nos lábios e corações de todos os gaúchos, em que pese a segunda grande transformação ocorrida com a federalização em 1950.

É uma história longa, repleta de doces e amargas lembranças, como convém a um ente vivo, problemático, mas sempre estuante de energia. Aliás, energia, criatividade, brio e destemor inscrevem-se, em caracteres firmes, nas lutas de seus docentes, discentes e funcionários por melhores condições de vida para o nosso povo, em todas as suas demandas nos campos de batalha do social, do político e do econômico. Conviver em tal ambiente é, certamente, um privilégio, na mais ampla acepção desta palavra.

Convidado, como um dos poucos ex-reitores sobreviventes à implacável voracidade do tempo, a elaborar um texto a propósito do evento em epígrafe, a primeira impressão que me ocorre é ditada pelo vocábulo “greve”. Ingressei como aluno no bojo de uma delas e saí como reitor no decorrer de outra. Nesse meio tempo, nossa Universidade atravessou várias dessas procelas e tenho a impressão que, entre algum ou outro período de calmaria, esta série ainda não terminou. Com elas ou apesar delas, a verdade é que a instituição segue em sua caminhada à procura do Santo Graal, divisado sempre na fímbria do horizonte.

Dos seis componentes da lista elaborada pelos conselhos superiores em 1979, resultei reitor para o período compreendido entre os agostos de 1980-1984 e convidei a integrar a administração que se inaugurava, outros quatro: o professor Francisco Luis dos Santos Ferraz, mantido à frente da Pró-Reitoria de Planejamento e assumindo, concomitantemente, a de Administração; o professor Gerhard Jacob, também mantido à frente da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – ambos oriundos do reitorado do professor Homero Só Jobim, de

cuja gestão também eu havia feito parte, quer como integrante do Conselho de Coordenação de Ensino e Pesquisa e do Conselho Universitário, quer como seu chefe de Gabinete. As pró-reitorias de Graduação, de Extensão e de Assistência à Comunidade Universitária foram providas, respectivamente, pelos professores Eloy Julius Garcia, (ex-diretor do Instituto de Biociências), Ludwig Buckup, (ex-coordenador da Comissão de Carreira das Ciências Biológicas) e João Carlos Athayde Dias, (ex-diretor da Faculdade de Veterinária), homens de larga vivência acadêmica e altamente qualificados.

A chefia do Gabinete, provida inicialmente pelo prestimoso professor Solon Vieira Marques, (ex-diretor do Instituto de Química), com sua aposentadoria, passou a ser exercida pelo professor Pedro Miguel Cinel, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. O quadro completa-se, em seguida, com a designação do professor Plínio de Oliveira Correa para a Procuradoria Jurídica e com a posse, em abril de 1981, do professor Sérgio de Meda Lamb como vice-reitor. O Hospital de Clínicas de Porto Alegre esteve sob a presidência do professor Loreno Brentano.

Ao longo da gestão, o professor Francisco Ferraz foi chamado pelo MEC, onde veio a prestar relevantes serviços, e o professor Gerhard Jacob assumiu a Pró-Reitoria de Planejamento; a de Administração, o professor Joaquim de Oliveira Borges e a de Pesquisa e Pós-graduação, o professor Edmundo Kanan Marques.

Algum mérito que se queira atribuir a meu reitorado, deve-se creditar a esse elenco de brilhantes e operosos colaboradores, que, de forma colegiada, administrou nossa Universidade nos agitados anos da decompressão da vida pública brasileira, cuja abertura “lenta e gradual” escapou do controle dos senhores do poder: era pouca válvula para muita pressão.

A UFRGS, felizmente, já havia consolidado em seus Estatuto e Regimento um sistema de representação docente e discente que, se estava longe de ser perfeito, era, nas circunstâncias da época, bem eficiente. Então, mal-e-mal se cogitava de representação dos funcionários nos conselhos, o que, sem dúvida, não era bom, tendo em vista o importante papel que desempenham no contexto de uma instituição dessa natureza. Era, no entanto, assim, embora se prenunciasse que tal anomalia viria a ser corrigida na legislação que regia a matéria, como de fato, mais tarde, veio a ocorrer.

Em assim sendo, os canais de comunicação daquele setor teriam que ser abertos – e não havia outro jeito! – na informalidade e as portas da Reitoria nunca estiveram cerradas às demandas da categoria, as quais, com o endosso do reitor, eram levadas ao conhecimento do ministro, bem como a todos os foros onde era possível advogá-las. O sucesso ou insucesso das mesmas não estava nas mãos de quem as portava, embora por elas lutasse. Atesto, todavia, a bem da verdade, que encontramos sempre – e sublinho essa palavra – compreensão e disposição de lutar por elas por parte dos ministros Eduardo Portela e Rubem Ludwig. Nem eles, porém, deixavam de estar tolhidos em suas postulações, por bem-intencionadas que fossem e, com freqüência, o bem desejado não superava a mediocridade do obtido.

Eram tempos de “abertura”; o “lento e gradual” sendo atropelado pela avalanche dos acontecimentos. Em 1978, perto de 540 mil trabalhadores paralisavam suas atividades em cerca de 24 greves; greves de médicos e residentes em Porto Alegre; em 1979, greve do setor público municipal, com mais de dez mil adesões em Porto Alegre e Pelotas; mais de oitenta mil trabalhadores da construção civil lutavam pela jornada de oito horas e por um piso salarial de Cr\$ 5.000,00; 86 mil funcionários e professores das escolas públicas estaduais exigiam um piso de três salários mínimos e aumento de 70%; em todo o país, mais de três milhões de trabalhadores em greve; no olho do furacão, em 1980, fazia-se sentir o impacto da greve nacional de 35 mil professores universitários. E assim foi, em maior ou menor escala, até o final da nossa gestão.

Em nosso caso, ser reitor da mais renomada universidade federal do sul do país implicava em ser a autoridade federal civil mais destacada no cenário e, como tal, arcar com o desafogo do setor mais politizado da sociedade. Tenho por certo que conseguimos – o reitor e demais dirigentes universitários – arrostar com serenidade as sucessivas ondas de desgosto, reprimido por tantos anos. Agressões, doestos, vitupérios, deboches, injustiças, intrigas, mesquinhas e incompreensões entendemos como parte do ônus de nossos cargos. O importante era manter a integridade do patrimônio material e moral da Universidade, de modo a não se perder o legado de sacrifício e abnegação das gerações anteriores, o que fizemos superando o

limite de nossas forças; se bem ou mal, di-lo-ão os historiadores em seu devido tempo.

Repassando, à *vol d’oiseau*, aqueles agitados e estimulantes 48 meses de gestão, repontam, por aqui e por ali, algumas imagens de pessoas e fatos, que no decorrer do tempo – e já se foram vinte anos! – tendem a esmaecer; outras, no entanto, permanecem bem vivas: as confraternizações entre professores, funcionários e alunos, de todos os pelos e categorias, em eventos, simultaneamente, festivos e beneficentes, organizados por dona Suzel e suas companheiras; a emoção de Mario Quintana ao receber o título de “Doutor Honoris Causa”; a reintegração dos professores cassados; o sonho de Irajá Damiani Pinto materializado no Ceclimar; a alegria estuante do sorriso do Diógenes na inauguração do Centro de Biotecnologia (os autos-de-fé já tinham saído de moda); a ventania provocada pela passagem do professor Geraldo Brochado da Rocha, carregado de livros, rumo ao Conselho de Coordenação de Ensino e Pesquisa, onde o brilho de seu saber jurídico só era superado por sua verve; a calma e a bondade do Athayde Dias refletida em permanente disposição para o diálogo; o otimismo em pessoa – Othelo Sanchez Laurent –, nosso homem das “missões impossíveis”; a eficiência e dedicação de duas verdadeiras “enciclopédias universitárias”, Alda Brito e Mafalda Rousselet Gomes; a turma da Estação Experimental Agrônômica e o professor Joaquim se desdobrando em atenções com os participantes dos muitos congressos científicos, internacionais e nacionais, fazendo jus ao merecido conceito de verdadeiro cartão de visitas da Universidade; os espetáculos do Unimúsica e tantos outros projetos artísticos e culturais, que congregavam, às centenas, pessoas de todas as idades. Ocasões mil em que, na prática, se comprovava o postulado democrático da possibilidade da convivência na divergência. São muitas e gratas lembranças a deslocar as amargas para o poço do esquecimento.

Enfim, éramos todos, os que restamos para abraçar a nossa querida UFRGS, nestes seus 70 anos bem-vividos, mais jovens e o aroma do futuro vinha carregado de esperanças. O Santo Graal, na fímbria do horizonte, que parecia ao alcance de nossas mãos, ainda está lá à espera de vocês e volto a repetir o que disse no dia de minha posse, citando Antônio Machado: “*Caminante, no hay camino. El camino se hace al andar.*”